

Vieira, José

[Oliveira, Raquel Trentin; Seeger, Gisele. A personagem na narrativa literária]

Études romanes de Brno. 2024, vol. 45, iss. 4, pp. 267-269

ISSN 2336-4416 (online)

Stable URL (DOI): <https://doi.org/10.5817/ERB2024-4-19>

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/digilib.81329>

License: [CC BY-SA 4.0 International](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/)

Access Date: 20. 02. 2025

Version: 20250219

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

RAQUEL TRENTIN OLIVEIRA, GISELE SEEGER

A Personagem na Narrativa Literária

Santa Maria, Editora da Universidade Federal de Santa Maria 2022, 103 p.

JOSÉ VIEIRA [jose-cvieira@outlook.pt]

CLEPUL – Universidade de Lisboa, Portugal

De todas as categorias da narrativa, a personagem é aquela que tem vindo a ocupar, ao longo das últimas décadas, em particular, mas também nos estudos literários, em geral, um espaço de reflexão aturado e consistente.

As narrativas dão sentido à vida e permitem organizar a nossa experiência do espaço e do tempo em relação a nós próprios e aos outros. Sem as narrativas, a experiência humana como a conhecemos seria completamente diversa e claramente ainda mais incompleta. É na literatura que encontramos as mais densas narrativas. Desde as histórias contadas por Homero até ao romance acabado de publicar, é a experiência do ser humano, as suas relações e o sentido último de tudo que estão em causa. É a memória do mundo. Dito por outras palavras, as narrativas acumulam um capital simbólico insuperável e a literatura contribui para a construção da existência humana. De sentido.

As personagens são, sem dúvida, o sal, ou a música de fundo, que dita o tom e o gesto das narrativas. É a partir da sua existência e da sua figuração e caracterização que somos capazes de identificar vícios, virtudes e formas de estar e conceber o mundo.

Essas criaturas de papéis, propensas a uma existência sem contingência, acabam por criar um efeito duplo e paradoxal: ao mesmo tempo que estão adstritas ao papel e à narrativa, o seu potencial de abertura, de transformação e de imortalidade acaba por ser superior ao dos seres humanos.

Publicado por Raquel Trentin Oliveira e por Gisele Seeger, *A Personagem na Narrativa Literária* é um livro de reflexão literária e de teoria narrativa que pretende pensar a categoria personagem sob diversos pontos de vista.

Como se pode ler na “Apresentação”, o livro surge como forma de preencher “lacunas no conhecimento dos processos linguísticos e narrativos criadores da personagem literária, dos mecanismos que sustentam sua figuração como entidade ficcional e que levam o leitor a imaginá-la e a interpretá-la” (7).

Logo no início, as autoras adotam uma aproximação pedagógica, revelando que o livro pretende ser uma abordagem introdutória e um manual de pesquisa e de consulta para jovens estudantes e investigadores nas suas primícias, sem prejuízo da sua utilidade para professores, críticos e ensaístas mais experientes.

Apesar do seu carácter introdutório, cumpre referir que o livro de Raquel Trentin Oliveira e de Gisele Seeger é uma reflexão aturada, com bibliografia atualizada, que conjuga os estudos mais recentes com aqueles considerados mais clássicos. Deste modo, não é de estranhar a presença de Todorov, Ingarden, Jens Eder, Wolfgang Iser, Carlos Reis, entre outros.

Dividido em 10 capítulos, o estudo das ensaístas brasileiras terá quase sempre como foco principal o estudo da personagem literária e suas respetivas formulações, variações, sobrevidas e metamorfoses.

No primeiro capítulo, intitulado “Pessoa e Personagem”, Trentin Oliveira e Seeger afirmam que “a vantagem da ficção em relação à vida é que pode nos dar acesso ao campo mental (memórias, sonhos, medos, culpas, desejos, etc.) da personagem” (13). Ora, tal pensamento entronca-se escorreitamente nas palavras escritas anos antes por George Steiner: “Na agonia, Balzac clamava pelos médicos que tinha inventado na *Comédia Humana*. Segundo Shelley, um homem verdadeiramente apaixonado pela *Antígona* de Sófocles jamais poderia viver uma experiência semelhante com uma mulher real. Flaubert sentia-se rebentar como um cão enquanto “a puta da Bovary” se preparava para viver eternamente (2007: 47).

Aliás, as palavras das investigadoras brasileiras ressoam também e ainda aquelas de Forster, quando o teórico e escritor inglês afirma que a personagem é um ator que é, “or pretend to be human” (1974: 51). Na verdade, a personagem literária, “tell us more about Queen Victoria than could be known, and thus to produce a character who is not the Queen Victoria of history. [...] each human being has two sides, appropriate to history and fiction” (53).

O segundo capítulo, com o título “Caracterização – Figuração”, aborda a importância e a necessidade que a crítica e os leitores sentem em querer descrever a personagem quanto aos seus atributos físicos e psicológicos, por um lado, ao mesmo tempo que, por outro, aprofunda a ideia de que a “figuração ficcional” não é uma “mera caracterização, na medida em que esta última dispõe de dispositivos retórico-discursivos, dispositivos de ficcionalização e ainda de dispositivos de conformação acional ou comportamental” (18).

Por sua vez, os três capítulos seguintes – “A Personagem e o Narrador”; “A Personagem e o Espaço”; “A Personagem e o Tempo” – abordam importantes categorias da narrativa e o modo como se interrelacionam na construção de um enredo que ilumina com diversos matizes a evolução, a densidade e a complexidade da personagem literária.

Os capítulos 9 e 10, respetivamente intitulados “Refiguração e Sobrevida da Personagem” e “O papel do Leitor”, acabam por ser a súpula de todo o livro, escrito numa linguagem simples mas séria, sóbria mas sem demasiado academismos. Além disso, através do uso de vários passos textuais de diversos autores não só da literatura brasileira – Clarice Lispector, Machado de Assis, Graciliano Ramos –, como da literatura portuguesa, veja-se Eça de Queirós, José Saramago e Lídia Jorge, entre outros, ou ainda autores de língua francesa e inglesa – Flaubert e Joyce –, as investigadoras tornam o texto e a reflexão mais esclarecedora e pertinente. Não por acaso, os autores chamados à reflexão fazem parte do cânone das diversas línguas, literaturas e sensibilidades, o que serve, desta feita e simultaneamente, de legitimação da teoria comprovada através de excertos de vários escritores de momentos histórico-literários diferentes.

Assim, *A Personagem na Narrativa Literária* acaba por ilustrar de modo soberano aquilo que já fora vaticinado décadas antes por Roman Ingarden, de que a obra literária “«vive» na medida em que atinge a sua expressão numa multiplicidade de concretizações (...), «vive» na medida em

que *sofre transformações em consequência* de concretizações sempre novas” (Ingarden 1965: 380).

A sobrevida da personagem apresenta, portanto, um vasto campo de análise e de interpretação, uma vez que “temos a sensação de que, diante das diferentes refigurações, há algo *a mais* ou *a menos* do que oferece a descrição verbal porque toda a refiguração requer um preenchimento de vazios: há sempre *algo* que o texto não diz acerca desse retrato, algo que cabe ao recriador *inventar*” (81).

A personagem literária, assim como a literatura, surge como recetáculo da memória e da história das pessoas. O livro e o texto escrito, e o texto lido, dão corpo e voz à realidade da palavra e à existência das personagens de ficção, que contribuem para uma construção de sentido outra.

Enquanto leitores, todos “somos levados pelas estratégias discursivas a valorizar determinadas personagens e a desvalorizar outras, fazendo escolhas e tomando partidos” (93), o que demonstra e comprova não só a vitalidade da literatura, mas também a importância e pertinência da personagem como uma categoria narrativa que faz orbitar em torno de si todo o universo ficcional e real. Tudo isto acontece porque as figuras de papel ou de livro adquirem uma dimensão que supera a realidade material e humana.

Referências bibliográficas

Forster, E. M. (1974). *Aspects of the Novel*. Harmondsworth: Penguin Books.

Ingarden, R. (1965). *A Obra de Arte Literária*. 3ª ed. Trad. A. E. Beau, M. C. Puga, & J. F. Barrento. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Steiner, G. (2007). *O Silêncio dos Livros*. Trad. M. S. Correia. Lisboa: Gradiva.



This work can be used in accordance with the Creative Commons BY-SA 4.0 International license terms and conditions (<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/legalcode>). This does not apply to works or elements (such as images or photographs) that are used in the work under a contractual license or exception or limitation to relevant rights.